

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2018 - ANO XXII - EDIÇÃO COMEMORATIVA - Nº 261



Paróquia São Miguel Arcanjo – 130 anos
1888 / 2018

Imagem - Memória

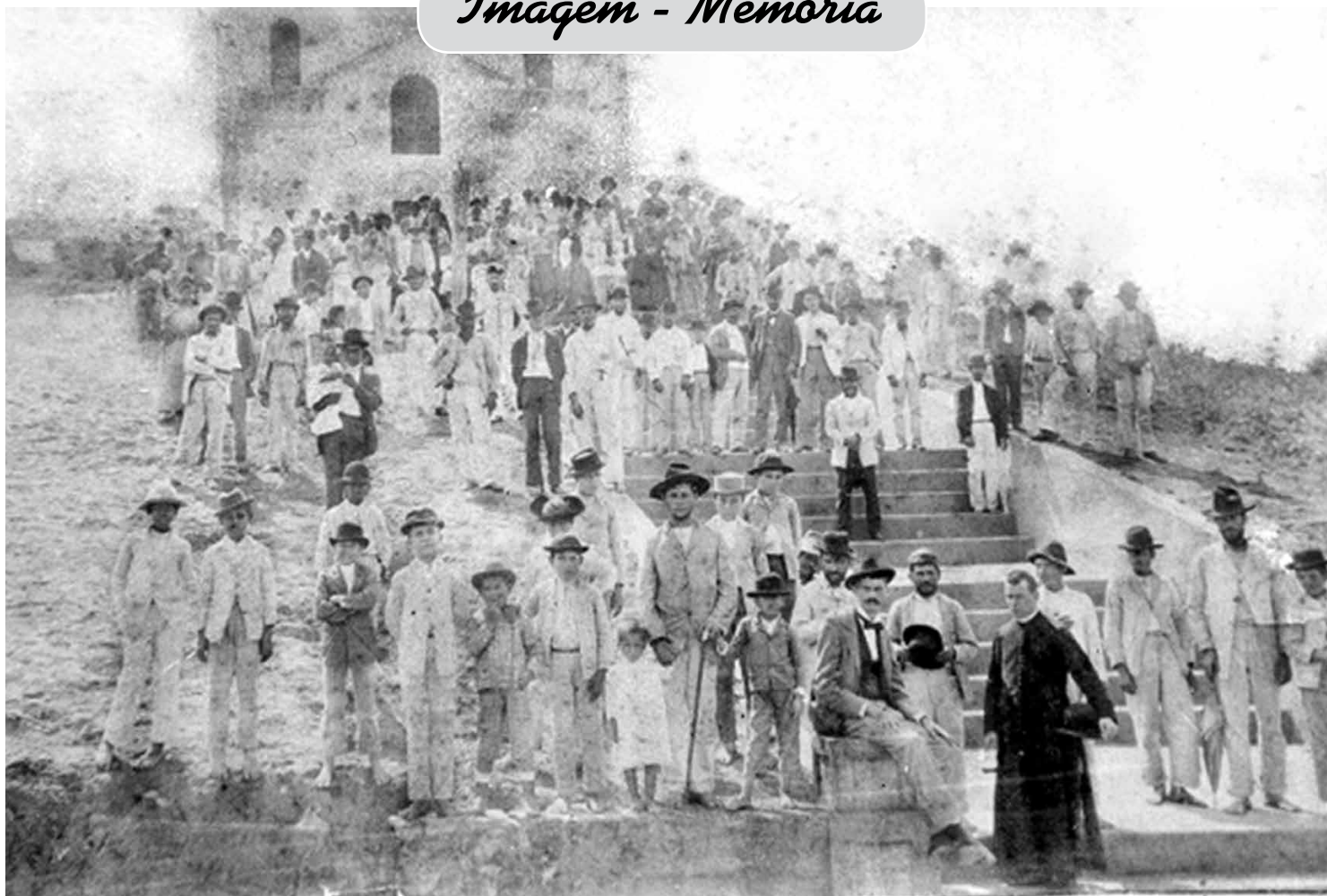


Foto Arquivo Pro-Memória

Graças ao trabalho de leigos, homens e mulheres, a paróquia foi mantida viva – uma comunidade de comunidades. Foram muitos os cristãos leigos que se devotaram à Paróquia de São Miguel ao longo desses 130 anos. Nomeá-los seria impertinente. Fica a gratidão. Foto de 1900.

Paróquia de São Miguel: comunidade de comunidades

Gratidão. Esta é a palavra-chave que deverá ficar gravada no coração e na memória dos piquetenses nesta data jubilar em que se comemoram os 130 anos de fundação da Paróquia de São Miguel.

Somos gratos ao Espírito Santo, que manteve nossa comunidade animada, unida na fé, perseverante e fiel aos ensinamentos de Cristo.

Ao longo de sua história, a Paróquia de São Miguel passou por momentos de maior ou menor fervor, principalmente nas primeiras décadas após sua criação, devido à carência de padres na Diocese e, consequentemente, de um presbítero que assumisse a Paróquia de Piquete. Por muito tempo ficamos sem padre colado, o que só veio a acontecer em 1934 com a vinda do padre João Guimarães. Apesar da falta de um religioso fixo à frente da Igreja, os paroquianos não perderam o espírito de comunidade. Graças ao trabalho de leigos, homens e mulheres, a paróquia foi mantida viva – uma comunidade de comunidades. Havia encontros semanais na Matriz para reza do terço e outros ofícios. Lá o povo se sentia acolhido, partilhava seus anseios e angústias e renovava as esperanças. Leigos orientavam para a prática da comunhão e da importância de sermos Igreja. Foram muitos os cristãos leigos que se devotaram à Paróquia de São Miguel ao longo dos anos. Nomeá-los seria impertinente. Fica a gratidão.

Celebrar este jubileu é um convite para se recordar e deixar fluir, através do coração e da mente, tudo de bom vivenciado em nossa Paróquia durante estes cento e trinta anos. É momento para agradecer a Deus por tê-la mantido unida, de maneira que os ensinamentos de Cristo puderam ser anunciados, testemunhados e vividos pelos paroquianos. Agora, é preciso fazer memória desse encontro com Cristo, que aconteceu com nossos antepassados e continua acontecendo diariamente. Em recente homilia, o Papa Francisco nos

ensinou que a “memória cristã é o sal da vida, voltar para ir para frente: devemos recordar e contemplar os primeiros momentos nos quais encontramos Jesus”. Assim, fazer memória de nossa Paróquia é resgatar desde o início das obras de construção da antiga capela de São Miguel, que se tornou o centro catalisador das aspirações da comunidade, que nela buscava tanto o conforto espiritual quanto o temporal. Recordar é preciso. Devemos sempre fazer memória, pois esquecemos facilmente o passado, relicário de nossas referências. E quem não tem história não tem vida, não tem referências pessoais e nem herança. Como nos lembra sabiamente Frei Betto, dominicano, importante pensador e escritor, “esquecer é a pior forma de fazer desaparecer. Aquilo sobre o que ninguém fala, escreve, canta ou celebra em seus ritos deixa de existir. Um homem pode morrer, mas seus descendentes guardam a memória de sua vida e de alguma forma ele sobrevive; porém, se todos morrem definitivamente, não saberemos valorizar o precioso presente, presente este que entrelaça passado e futuro no dia a dia das experiências”. Evidencia-se aí a importância de resgarmos nossa história e preservarmos o que pelos nossos predecessores foi construído. Cabe-nos, nesta data jubilar, exaltar o espírito de comunidade que sempre norteou nossa população e que manteve unidas e ativas nossa Igreja e a Paróquia de São Miguel.

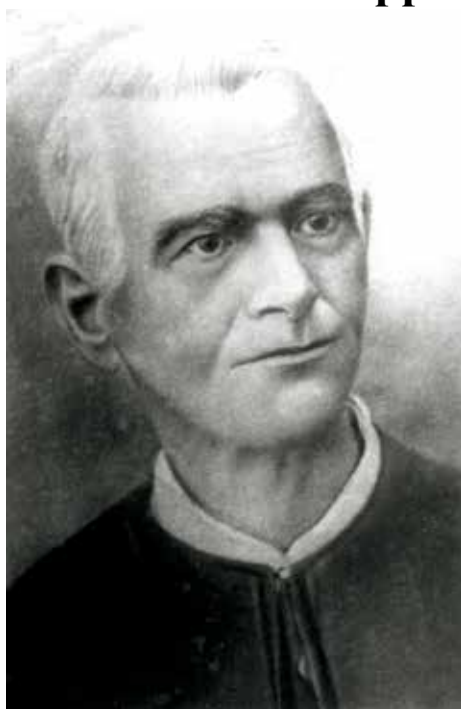
A Fundação Christiano Rosa rejubila-se com a comunidade católica piquetense nesta data festiva, fazendo votos para que a Paróquia de São Miguel se mantenha fiel aos valores cristãos recebidos de nossos antepassados, vendo neles o tesouro mais valioso de que se possa gloriar junto dos contemporâneos e a herança preciosa a deixar para as gerações futuras.

GENTE DA CIDADE**Pe. Francisco Filippo**

Desde os primórdios de nosso povoamento, a religiosidade de nossos moradores foi uma constante. Essa religiosidade levou os moradores a se organizarem por meio de uma petição, conseguindo com que o bispo de São Paulo, Dom Sebastião Pinto do Rego, em dezembro de 1864, concedesse faculdade para que se erigisse no bairro do Piquete uma Capela sob a invocação de São Miguel. Com a participação comunitária, a Capela foi construída, em taipa de pilão, muito simples, sem aparatos, sem as torres, pobre como o bairro e sua população. Com o término das obras, a Capela passou a ser uma referência na paisagem e para os moradores. Estes buscaram e conseguiram com que a Assembleia Legislativa da Província de São Paulo, por lei de número 10, de 22 de março de 1875, elevasse à categoria de freguesia o bairro do Piquete, tornando a Capela sua sede. Para a freguesia foi adotado o nome do padroeiro – São Miguel, cuja devoção muito antiga aumentava dia a dia.

Em outubro de 1888 tornamo-nos Paróquia, por portaria de D. Lino Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo. A população ansiava, cada vez mais, pela chegada do seu primeiro padre.

Eis que a 1º de novembro, com grande festa, chega a Piquete nosso primeiro vigário, Pe. Francisco Filippo – natural de San Vincenzo de La Costa, província de Cosenza, Itália. De família religiosa, era um dos quatro filhos do casal Antônio Maria Filippo e Teresa Filippo.



Em 1868, o Pe. Francisco já se encontrava no Brasil. Seu irmão caçula, João, a seu exemplo, também seguiu a carreira religiosa. Ordenado em 1872, logo veio para o Brasil, influenciado pelo nosso Francisco, que, numa carta a ele endereçada, disse-lhe “que este país era um vasto campo de ação pastoral e apostólica, com muita pobreza de padres e muita gente na pobreza.”

Pe. Francisco fixou-se aqui no Vale do Paraíba, trabalhando em Paraibuna antes de vir para Piquete, onde permaneceu por curto período, partindo em 1890 e deixando registrado no Livro do Tombo a pobreza da Paróquia de São Miguel: “Declaro que tomei conta desta Paróquia no dia 1º de

novembro de 1888; deixo de fazer inventário dos ornamentos da igreja e digo que fiz aquisição de uma casula de cor branca que custou 100\$000, de uma capa roxa de custo 75\$000, de uma âmbula para levar o viático; achei 3 toalhas de altar muito velhas, hoje tem bastante delas e também toalhas de mãos.

Deixo esta igreja para ir paroquiar a igreja de Santo Antônio da cidade de Machado, sul de Minas.

Declaro, portanto, que fui o primeiro pároco desta Freguesia e cumpri os meus deveres para com todos e em tudo o que me pertencia. Fico sempre grato a todo o povo por ter-me tratado sempre e sempre bem, especialmente a família do fundador desta igreja; enfim, deixo de nomear as famílias para não ofender a modéstia das mesmas. Levo saudade – Freguesia de São Miguel do Piquete, 20 de abril de 1890.”

Pe. Francisco Filippo faleceu em 1909, em Lagoinha e está sepultado no Cemitério dos Passos, em Guaratinguetá. Seu irmão caçula, João, o Monsenhor João Filippo de Guaratinguetá, mandou gravar na lápide de sua sepultura: “Aqui jazem os restos mortais do modelo dos sacerdotes, Padre Francisco, falecido a 28 de novembro de 1909. Descanse em paz.”

Os irmãos Francisco e João Filippo atravessaram o oceano e aqui, no Vale do Paraíba, deram testemunhos de fé; trabalharam com ardor e coragem evangelizando. Vieram pobres e viveram pobres, e generosamente contribuíram para o crescimento espiritual de nossa população.



Quis ut Deus

Miguel é símbolo de força e determinação. Comandante, como arcanjo, das hostes celestes, combateu Lúcifer, o príncipe da luz, que, por possuí-la, quis se igualar a Deus, não o aceitando como insuperável, que não se iguala, onipotente, o todo poderoso e onisciente, o que tudo sabe.

Na crônica celeste, Miguel, consciente de sua missão de intermediário entre Deus e os homens, pois assim são todos os anjos em suas hierarquias, num tempo não determinado, subjogou o antes luminoso à incerteza das trevas. É, portanto, o motivo pelo qual a representação do vitorioso é a de um ser masculino jovem, de espada em punho e de uma pequena balança, para avaliar os atos humanos.

No período colonial, a imagem dele era uma das mais invocadas. Aparece, frequentemente, nos oratórios, capelas e nas canastras dos viajantes.

Tornou-se orago, santo protetor e padroeiro de Piquete. Guardião de nossas colinas de pé de serra, sinalizadoras dos caminhos difíceis, onde o ouro e as riquezas circularam e desafiaram as cobiças e os jogos de poder.

Em Piquete, comemoramos o 29 de setembro com a tradição da Igreja, hoje vigorada com as participações comunitárias mais evidentes à busca da modernidade.

Impactados pelos meios de comunica-

ção moderna, os católicos assimilaram os veículos usados como propagação de fé: o rádio, a TV, a internet. A vibração, a cor, os cânticos, a participação geral tornaram-se formas de interligação.

Os dias de hoje são simbolizados por palavras importantes como União, Solidariedade e Paz. As pessoas buscam mais o sagrado à medida que a vida lhes parece difícil. Os arcanjos são invocados em conjunto como

Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.



símbolos desta união e da força necessárias.

Nossa comunidade tem, com a Igreja, na esperança e no desejo de vida, em Miguel, um arauto de vitória.

De maneira ecumênica, ou seja, de aproximação entre os cristãos, uma nova era nos promete, a todos, caminhos nos quais os primeiros passos, como os que indicados por Cristo a Simão Pedro, representaram a fé no futuro e na consolidação de uma ideia, não como pedras de tropeço, mas de construção em terra boa e de sementes férteis. E é especialmente Mateus que nos conduz neste Terceiro Milênio e na busca da justiça quando nos propõe amar não só os amigos, mas também os inimigos, a sermos luzes em corpos luminosos, a termos a certeza da providência na multiplicação de peixes e pães e da exuberância da vinha. Afinal, fomos escolhidos entre os chamados e participantes do tesouro acumulado no coração como comprometimento comunitário.

E é sob a inspiração desse comprometimento que os cristãos de Piquete, sob as asas protetoras de Miguel Arcanjo, querem agir como cidadãos participantes das celebrações dos 130 anos de nossa Paróquia. Os fogos que, com certeza espocarão, e suas luzes na noite densa, não serão efêmeros.

Acreditamos nessa conquista.

A Missa Votiva de São Miguel

O verdadeiro Piquete ali está, da gente simples que acredita na força da fé.

Devotos convictos do Anjo padroeiro prestam-lhe homenagem cada dia 29 do mês comparecendo à missa sempre celebrada à tarde, e esperando as bênçãos com a aspersão da água benta. Levam seus “santinhos” (imagens), roupas, chaves e demais objetos de devoção ou culto para benzimento.

Comportam-se com muito empenho presentes à cerimônia e dividem os espaços da nave, já pequenos para a assistência que sempre é numerosa.

Essa manifestação religiosa foi adotada nos anos mais recentes. Antes era apenas a novena e o dia da festa, com missa e procissão, a quermesse, e pronto. Mas, sem dúvida, eventos de destacada aglutinação social.

Para a missa votiva mensal gente vem de longe, das vilas, dos bairros, dos morros, às vezes das cidades vizinhas. Houve época em que se rezavam orações próprias dos exorcismos pela invocação dos santos anjos, especialmente Miguel, o defensor das hostes celestes contra os anjos decaídos transformados em Satanás e suas coortes.

Afinal, hierarquias angelicais de coros de querubins, serafins, tronos, dominações

e potestades se postam vigilantes na função intermediária entre Deus e os homens, estando os arcanjos, em sua representatividade, liderados por Miguel, o que combateu o arcanjo da Luz, Lúcifer, insidioso na busca do poder. Assim, principalmente, alinham-se nessa defesa. Invoca-se São Miguel e seu lema da espada chamejante: Quem como Deus? O coral inflama as vozes. A missa flui. A homilia é desenvolvida. O final, regozijado pelas bênçãos, e a feliz volta para casa. Não sem ter tempo de cumprimentar os amigos, trocar ideias e fazer comentários. Assuntos não faltam.

É o momento dos piquetenses natos. O povo aproveita para alargar o espaço social expandindo-se pelas calçadas laterais externas. Afinal, é uma tradição que vem sendo mantida e deve ser alimentada por um empenho valioso, porque pode ser vista como força coesiva da comunidade. Maior ainda se aproveitado o momento para difundir educação de base comunitária, orientação de modo geral e, apesar do horário vespertino das 15 horas em dias de trabalho, promover orientação de jovens face às suas famílias, principalmente quando a difusão de costumes perniciosos ganha guarida entre os carentes

de atenção, afeto e processos ocupacionais. O semblante simples e até humilde de muitos não esconde algumas mágoas, carências diversas e o apelo silencioso e disfarçado de busca de ajuda. Para tanto, São Miguel é invocado, e a figura triunfante e guerreira do Anjo protetor pode ser um dos elos finais de uma corrente de sobrevida encadeada de lutas, derrotas e vitórias.

Para isso lá está o povo. E são sempre os mais simples devotos os que lá se encontram. O exercício espiritual é realizado com dedicação quando é proposto um intervalo nas ocupações domésticas, momento esse principalmente iluminado por uma busca do supremo bem e a promessa de um poderoso prêmio. Entretanto, parece-me que, atualmente, escassearam um pouco as pessoas. Escassearão as esperanças?

Não precipitemos conclusões. Um fato é verdadeiro: os fiéis da missa votiva a São Miguel têm posturas diferentes dos que praticam frequência aos atos das missas dominicais e dos dias comuns. É a fé que os anima acima de tudo. Refletida também nos cumprimentos finais, antes da dispersão.

Dóli de Castro Ferreira

Lançamento da Pedra Fundamental da Nova Matriz

No final dos anos 30, um amplo projeto de ampliação da Fábrica de Pólvora de Piquete levou à contratação de grande número de operários. Consequentemente, houve crescimento de nossa população. Iniciou-se uma política social de assistência aos funcionários e a construção de vilas operárias. Cresceu a cidade, com mudança na geografia urbana e dilatação de seu perímetro, que se aproximou da Mantiqueira.

A Matriz de São Miguel, ao redor da qual o primitivo núcleo urbano se desenvolveu, tornou-se pequena.

O crescente progresso e o aumento da população católica exigiam a construção de uma nova Matriz que fosse, ao mesmo tempo, demonstração da fé dos moradores e atestado da força religiosa do povo.

Assim, em junho de 1960, com autorização da Cúria Diocesana, foi adquirido um amplo terreno na Rua Cel. Luiz Relvas, região central da cidade, para a construção da nova igreja. Em outubro desse mesmo ano, quando da visita pastoral do 3º Bispo de Lorena, D. José Melhado Campos, à Paróquia de São Miguel, a ideia da nova matriz era ventilada a toda hora. Foi elaborado para a ocasião um extenso programa do qual constou, além de crismas e ofícios religiosos, uma visita à parte social da FPV e às obras da sonhada Santa Casa. No edifício da prefeitura instalou-se a Sessão Solene, à qual compareceram autoridades civis, militares e a comunidade. O presidente da Câmara, Ver. Alony O. Soares,

conduziu os trabalhos. O Ver. Prof. José Armando de C. Ferreira saudou o homenageado. Após, falou o prefeito Luiz Vieira Soares, assumindo, a seguir, a tribuna, D. José Melhado Campos, que proferiu grande peça oratória, concitando todos a trabalhar de mãos dadas pelo engrandecimento de Piquete e da Religião, tudo pelo bem-estar do povo.

Encerrando a Sessão, à saída do edifício, o vereador Gabriel Benfica Nunes falou ao bispo do desejo e disposição de todos para ereção da nova matriz. Estabeleceu-se, logo, uma “mesa redonda”, demonstrando D. Melhado Campos sua grande compreensão e aquiescência.

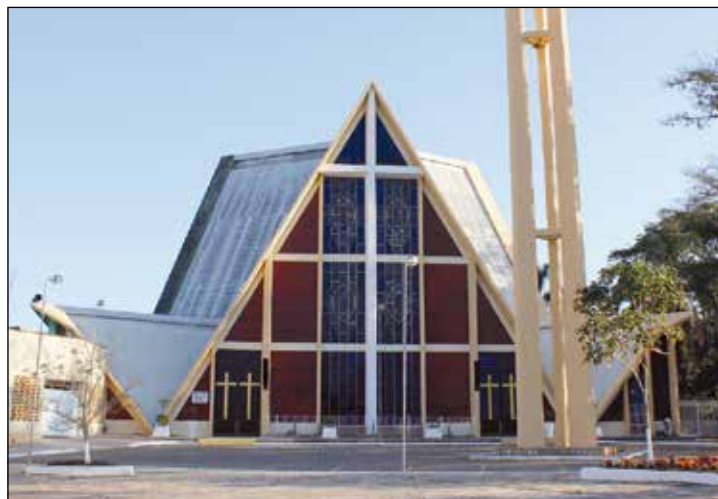
Ficou então deliberado o lançamento da pedra fundamental para o domingo, dia 9 de outubro, às 11h. Essa solenidade contou com a presença de inúmeras pessoas e autoridades civis, militares e eclesásticas. Nessa ocasião, foi iniciada a campanha, por um grupo de senhoras, para se angariar tijolos e outros donativos a fim de se levar

a bom êxito as obras do novo templo católico. Sobre o acontecimento falaram o professor João Vieira Soares e o Cônego Gabriel Hiran, encerrando com palavras de estímulo o bispo diocesano. Essa visita encheu de ânimo os piquetenses. O assunto na cidade passou a ser a futura matriz, e toda a população se mobilizou.

No mês seguinte, no dia 20, reuniu-se a comissão de senhoras encarregadas da campanha para a construção da igreja. Foi constituída

tesoureira da comissão Dona Carmem Amoroso, que prestou contas do total já arrecadado no livro de ouro, isto é, Cr\$ 157.000,00. Esse total correspondia às doações dos senhores Oswaldo Coelho Nunes, Expedito Ferreira, José Bertolino Ribeiro, Vicente Freitas, Brigadeiro Ovídio Beraldo, Ismael Marque, Oswaldo Beraldo, Diocesano Ramos, Dr. José Amoroso, Dr. Vitório Amoroso, Antônio Teixeira Neto, Arthur Alves, José Gomes Siqueira, Ari de Melo Franco, José Leite da Silva e José Crispim de Meireles. Foram estas as primeiras contribuições para as obras. Ao término da reunião, o pároco de Piquete, Pe. Gabriel Hiran, agradeceu o eficiente trabalho da comissão e a boa vontade dos que haviam colaborado para essa grande obra. A partir daí, num trabalho constante, que teve à frente a carismática figura do Dr. José Amoroso, a população se empenhava cada vez mais para a construção de nossa nova matriz.

AC



A Paróquia de São Miguel, em P

A Paróquia de São Miguel completa 130 anos. Conhecer sua história e os caminhos percorridos por seus paroquianos ao longo desses anos leva-nos às origens de Piquete, à primeiras famílias que se instalaram por estas terras e ao processo de evangelização que se deu entre os moradores e concorreu para que se mantivessem unidos por meio das palavras de Cristo.

Para conhecer a história é preciso recorrer a documentos antigos. Desde os primórdios de nossa colonização, a Igreja teve papel fundamental como guardião de memórias. Os livros de tomo das igrejas matrizes são verdadeiros relicários de registros de dados históricos. Foi ao redor das capelas que muitos lugarejos surgiram. Até a República, um núcleo populacional, para ser constituído como Vila e receber autonomia, teria necessariamente que passar pelas etapas de aglomerado, bairro e freguesia. Além disso, devia ter um órgão fiscal provedor das necessidades para controle do movimento de cargas e mercadorias – no caso de Piquete, o registro ou barreira. Também deveria contar com uma capela curada, com padre fixo e devidamente provisionado, isto é, registrado no órgão eclesiástico hierarquicamente superior – no nosso caso, a Diocese de São Paulo. Era a Igreja que, por meio da Paróquia, dirimia as questões de âmbito público e privado.

As terras que deram origem a Piquete pertenciam a Guaratinguetá. Eram, até o final do século 18, habitadas pelo povo Puri. Nômades, esses índios deixaram trilhas abertas que cruzavam a Mantiqueira, a qual transpunham atrás de caça e pinhão.

Com a descoberta do ouro no Sertão dos Catagazes, em 1693, cresceu o movimento sertanista no Vale do Paraíba. Inúmeras outras minas de ouro são descobertas. Por volta de 1703, a de Itajubá, próxima ao rio Santo Antônio, na vertente mineira da Mantiqueira. Em terras então guaratinguetenses foi erguida, por volta de 1705, uma capela de Nossa Senhora da Piedade, junto ao porto de Guaypacaré. O adensamento populacional em torno dessa capela concorreu para que ela fosse elevada à condição de Freguesia em 1718. As terras piquetenses passaram, então, a pertencer à Vila de Guaypacaré. Em 1730, Antônio Domingues Pereira, um dos fregueses dessa igreja ganhou uma sesmária na margem esquerda do Paraíba, próxima à Mantiqueira, na região da barra dos ribeirões Embaú, atual Rio Piquete, e Itabaquara. Aí se instalou com sua mulher e criaram uma

família numerosa, que se tornaria uma das mais importantes de Lorena. Outras sesmarias foram doadas e novas famílias foram instaladas formando roças de subsistência.

Em 1741, Lázaro Fernandes, que vivia afazendado na margem esquerda do Paraíba, aproveitando uma antiga trilha dos Puris, abriu um caminho que, partindo de suas terras na Freguesia da Piedade, atingia o arraial serrano de Soledade do Itajubá, atual Delfim Moreira.

Com o aumento do trânsito por esse caminho, os Puris foram cada vez mais rechaçados para a Mantiqueira e Sul de Minas.

Em dezembro de 1770, desejou o Capitão-General de São Paulo “formar uma aldeia” com os Puris com o intuito de civilizá-los, doutriná-los na fé cristã e vesti-los com os “panos da honestidade” para que “fizessem nova entrada levando uma índia velha para que ela persuadissem todos os índios do seu povo que descessem e que formassem uma aldeia com um pároco”. Assim foram atraídos para o convívio civilizado dos brancos numerosos indígenas designados “administrados”, mas que, de fato, eram servos dos conquistadores do Hepacaré.

Arrancados de seu habitat, submetidos às estranhas normas de trabalho e costumes, esse índios, desajustados, não encontraram condições favoráveis para a sobrevivência. Perdiam o gosto pela vida, tornavam-se apáticos e, em grande parte, definham até que a morte os libertasse.

O caminho aberto em 1741, que passava por onde hoje se encontra Piquete, era para abastecimento das Minas de Itajubá e tornou-se, com o passar dos anos, responsável pelo intercâmbio comercial entre as províncias de São Paulo e Minas Gerais. Por ele foi gradativamente aumentando o tráfego de tropeiros, boiadeiros, mascates que se arranchavam ao longo da estrada, próximo ao Registro (posto fiscal) aí instalado, em 1764, para cobrança fiscal e evitar o desvio do ouro vindo das Minas Gerais. Muitos desses tropeiros se fixaram às margens da estrada, tornando-se pioneiros no processo de povoamento na região.

Surgiram casas de vendas e negócios e os produtos de suas roças passaram a servir para troca com as tropas que vinham de Minas ou dos portos de Mambucaba e Parati.

Esse agrupamento humano deu origem ao Bairro do Piquete, que teve sua população aumentada com a chegada da cultura cafeeira à região.

Houve um aumento da população escrava, necessária para trabalhar a lavoura e novos povoadores fixaram-se ao longo do caminho, com predomínio de famílias mineiras.

A religiosidade dos moradores era grande. Não havia pouso de tropeiros sem uma capelinha ou oratório. E a proximidade do Bairro do Piquete com a Capela de Nossa Senhora Aparecida suscitava a vinda de tropas e romarias que aqui se arranchavam.

Esses romeiros, vindos de povoações do Sul de Minas, formavam comitivas e vinham de longe, somando-se ao grupo pessoas de diferentes paragens: marchavam sob sol, chuva, sofrendo nas passagens dos rios ou na aspereza das subidas mantiqueiras, impulsionados pela fé.

Essa religiosidade levou os moradores, em 1864, a se reunirem através de uma petição, encabeçada por Joaquim Vieira Teixeira Pinto, visando à ereção de uma Capela no Piquete sob a invocação de São Miguel, o que foi concedido por Dom Sebastião Pinto do Rego, bispo de São Paulo.

Conseguida a concessão para a construção da Capela, não era permitido erguê-la em lugar ermo e despovoado, o que evidencia um adensamento populacional do Bairro.

A autorização dependia, sempre, da existência de uma povoação, pois, sem a ajuda dos moradores, era impossível levantar uma capela.

Com as obras de construção em andamento, esta passou a ser local de encontros sociais e centro aglutinador das aspirações dos moradores. Nascia o espírito comunitário na população, que discutia problemas comuns e passavam a reivindicar melhoria e progresso para o Bairro.

A comunidade passou a se articular visando ao crescimento e à autonomia política. O primeiro passo dado foi a elevação do Bairro à condição de Freguesia, o que ocorreu em 22 de março de 1875.

Entre os moradores, três lideranças políticas, o major Joaquim Vieira Teixeira Pinto, seu irmão, Custódio Vieira da Silva, e o tenente José Mariano Ribeiro da Silva, estiveram à frente das obras de construção da igreja e na defesa dos anseios da comunidade piquetense na Câmara de Lorena. Custódio Vieira foi quem doou a pequena imagem de São Miguel, em madeira, para o altar mor da Capela. Por volta de 1886, a Igreja estava construída e já contava com todos os paramentos litúrgicos e alfaia,



Piquete: 130 anos de sua fundação

mas não tinha padre colado, apesar dos inúmeros pedidos da comunidade à Diocese. Um novo abaixo assinado com mais de cem assinaturas foi encaminhado e a população finalmente atendida.

Vimos, anteriormente, que durante o Império, devido à estreita ligação entre a Igreja Católica e o Estado, a Freguesia tinha, além de sua condição eclesiástica, a jurídica frente ao poder civil. E era este poder civil que traçava suas divisas territoriais e mantinha sua sede na Capela, tornando-a adstrita às autoridades de Lorena. Para a Freguesia foi adotado o nome do padroeiro, São Miguel.

Em 7 de outubro de 1888, tornamo-nos Paróquia e já em 1º de novembro, com grande recepção popular tomou posse nosso primeiro vigário, padre Francisco Fillipo, que, infelizmente, logo foi embora. Transferiu-se para a igreja de Santo Antônio, em Machado, no Sul de Minas Gerais.

A população aspirava à emancipação do Bairro. Era preciso, então, uma matriz. O comendador Custódio Vieira da Silva construiu, nas proximidades da igreja, uma olaria para fornecer tijolos para as torres laterais. Em maio de 1891, ocorreu, finalmente, a emancipação político-administrativa do Bairro do Piquete, e a 15 de junho de 1891 tomaram posse os Intendentes da nova Vila Vieira do Piquete. No Natal desse mesmo ano, foram concluídas as torres da igreja.

Quando de sua emancipação, a Vila era muito pequena e pobre. Sua população urbana não ia além de seiscentas pessoas, com pouco mais de cento e vinte casas localizadas próximo à igreja Matriz. “A pobreza do lugar não permitia a vinda de vigário, porque nenhum sacerdote poderia aqui viver por falta de recursos pecuniários que provesses sua subsistência, não obstante ser a população devota e muito religiosa e concorrer particularmente para dar de comer ao vigário”.

A Igreja Matriz, apesar da ausência de padre, sempre foi o centro espiritual de Piquete. Por outro lado, o catolicismo popular sustentava-se autonomamente.

Sem o apoio doutrinário, passou a ocupar a primazia na vida religiosa do povo o culto dos santos. Essa prática era fortalecida por uma antiga tradição e desenvolvia-se pelas famílias nas casas, pelas comunidades de vizinhança, nas capelas e nas festas e quermesses, aos santos de devoção (São Miguel, São Sebastião, Santa Cruz, São José, São Benedito, São Bom Jesus etc).

Desde a ida do padre Francisco Fillipo, em 1890, não tivemos padre fixo na paróquia. A chegada da congregação salesiana a Lorena fez com que esses religiosos dessem assistência espiritual esporádica à Paróquia de São Miguel. Vez ou outra, um padre redentorista vinha em missão assistir aos paroquianos. Na chegada do ano de 1900, o famoso missionário Pe. Bartolomeu Tadei, vem pregar em Piquete, difundir o culto ao Sagrado Coração de Jesus e funda o Apostolado da Oração. Num trabalho de mutirão com a comunidade, instala, no morro em frente à Matriz, um santo cruzeiro, como marca da chegada do novo século.

Durante anos, a paróquia de São Miguel esteve anexada ora à estola do Embaú, ora à de Lorena, quando éramos visitados esporadicamente por religiosos. O padre que por mais tempo permaneceu assistindo aos paroquianos foi José Arthur de Moura, vigário de Lorena. A ele a Paróquia deve a grande reforma, em 1928, da Matriz, que se encontrava com sua taipa e o telhado comprometidos.

Padre definitivo só tivemos a partir de 3 de fevereiro de 1934, quando o padre João Marcondes Guimarães tomou posse da paróquia de Piquete. Com a chegada do padre João, aos poucos foi crescendo a espiritualidade do povo e começaram a florescer as associações religiosas (Congregação Mariana, Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Associação de São José, Irmandade de São Benedito, Cruzada Eucarística Infantil), além do grande incremento das obras assistenciais e de caridade. Crescia, também, a catequese na igreja Matriz, nas capelas urbanas e nos bairros rurais.

O substituto do padre João, padre Oswaldo Bindão, continuou o belo trabalho de seu antecessor. Fez com que a seara, já cultivada, produzisse colheitas cada vez mais abundantes, com maior presença e participação dos fieis nos trabalhos comunitários. Fundou o jornal A Ordem, “dedicado aos interesses sociais e religiosos de Piquete”. Mais tarde o jornal passou a ser o órgão oficial da Diocese de Lorena. Depois dele, muitos outros sacerdotes dirigiram a nossa paróquia: Pe. Septímio, Pe. José Braz, Pe. Eufrázio, Pe. Melquíades, Pe. Mathias, Pe. Juca, Pe. João Hipólito (que foi Bispo Diocesano de Lorena), Pe. João Batista, Pe. Hiran, os irmãos Pe. Joaquim e Pe. José, Pe. Pedro, Pe. Alexandre, Pe.

Tarcísio, Pe. Luiz Carlos, Pe. Cícero, Pe. Lázaro, Pe. João Bosco e, atualmente, Pe. Fernando Sampaio.

Não podemos nos esquecer da grande contribuição das mulheres no processo de evangelização: professora Leonor Guimarães, Nair Porfírio, Maria de Lourdes Ferreira (dona Mariquinha), Ester Vieira Soares (irmã Maria Adelaide do Precioso Sangue), dona Emília Marques de Almeida, Maria Lucas e tantas outras...

Em 1948 chegaram as Filhas de Maria Auxiliadora (as Irmãs Salesianas), que, por anos, trabalharam evangelizando crianças e minimizando as dores física e espiritual dos piquetenses. As Irmãs mantiveram por vários anos o orfanato Madre Maria Mazzarelo. Obra salesiana mantida em Piquete há mais de cinquenta anos é o Oratório São Domingos Sávio.

Grande, ainda, foi o trabalho de muitos homens, legítimos exemplos de piedade cristã, que devotaram parte de suas vidas às obras da Igreja: José Vieira Soares, José Chrispim de Meireles (Zequinha Meireles), Joaquim Sacristão, Salviano, Décio Guimarães, Joaquim Vaz, João Ramos e outros...

Ao comemorarmos os 130 anos da Paróquia de São Miguel, como parte de um processo contínuo de evangelização, devemos resgatar e preservar as tradições e a cultura popular, ir ao encontro de nossas raízes, pois a evangelização só se dá com o diálogo entre o evangelizador e a comunidade detentora dessas tradições e da cultura. Nesse intercâmbio, o Evangelho é acolhido no cotidiano da vida do povo, de modo que ele possa “expressar sua experiência de fé em sua própria cultura”. É a “inculturação”.

Daí a importância de resgarmos em nossas festas religiosas o seu lado popular folclórico. Além das procissões, as quermesses com seus festeiros, leilões, bandas de música... Essas festas sempre fizeram parte da “alma piquetense”.

Se quisermos transformar a sociedade de Piquete, com mais amor, paz e vida plena, e acabarmos com a violência e as injustiças sociais, é preciso que arregacemos as mangas, deixando de lado nosso imobilismo, e comecemos a participar efetivamente em prol de uma sociedade mais justa e fraterna.

Como diz São Tiago no capítulo 2, versículo 26, “A fé sem obras é morta”. Hoje, mais do que nunca, temos que traduzir a nossa fé em ações concretas.

ACMChaves



A Paróquia de São Miguel e eu

Quando solicitado a escrever sobre o que significariam para mim os 130 anos da Paróquia de São Miguel, pensei que não teria muito a escrever, pois não sou frequentador assíduo da Igreja em nossa cidade... Aceitei pela felicidade de ter sido lembrado. Ao pensar, porém, no que a Paróquia de São Miguel teve de importância para mim, percebi que ela esteve em tudo em minha vida...

Meu amor por Piquete cresceu a partir do momento em que conheci melhor a história desta que é minha terra natal. E a cidade de Piquete só existe em função da existência da Paróquia de São Miguel. Explico: com a expansão do então Bairro do Piquete, seus habitantes pleitearam e conseguiram, em 1864, autorização para a construção de uma capela sob a invocação de São Miguel. Em 1875 essa capela foi elevada à condição de Freguesia, com o nome de Freguesia de São Miguel do Piquete, em torno da qual se foi esboçando um núcleo urbano. A emancipação, que viria, em 1891, portanto, teve suas raízes com a construção da hoje carinhosamente chamada “Matriz Velha”...

Pois então... Foi na Matriz Velha que meus pais se casaram e foi lá, também, que deles me despedi quando de suas exéquias... A Matriz Velha foi palco de muitas histórias que vim a conhecer por meio de doces crônicas de autores piquetenses como Chico Máximo, Yeyé Maziero, Dóli de Castro Ferreira... Desde que li “O pulo do galo”, de Yeyé Masiero, é das torres da matriz que imagino voando para o Santo Cruzeiro, no morro em frente, os galinhos de ferro... É da Matriz Velha que me lembro, como referência e com reverência, quando penso em Piquete... É ela que primeiro visualizo a partir de vários pontos do “Piquete antigo”. É na nave da Matriz Velha que pairam as últimas lembranças de amigos vários...

Pulando um pouco no tempo, chego à atual Matriz de São Miguel... Foi lá que fui batizado. Foi lá que fiz minha primeira comunhão e fui crismado. Como catequistas, tive minha prima Inácia Meirelles e Dona Yolanda Luz. As missas das 10h já eram as missas das crianças. Eram uma festa...

Vêm das festas de São Miguel muitas doces memórias: minha mãe, então presidente da “Creche Sorriso”, preparava em nossa casa caixas e caixas de maçã do amor para vender na barraca daquela instituição, à época independente da Prefeitura Municipal. Foi também nas festas do padroeiro que vivi o que era comum aos adolescentes de então: paquera, bilhetinhos, risadas muitas e horas em frente



Foto: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

aos palcos com shows do Apollo 2001 no dia da festa... No dia 29 de setembro, do bairro do Quilombo vinham meus tios para a procissão e a missa solene. Minha mãe, costureira que era, tinha trabalho multiplicado: além de atender as clientes, tinha de aprontar roupas novas para todos de casa...

Na Matriz de São Miguel nova casaram-se meus irmãos e dois sobrinhos foram batizados. Meus pais comemoraram suas Bodas de Prata. Lembro-me muito bem da felicidade deles, rodeados que estavam pelos filhos, nora e genro... Tanto a missa das Bodas de Prata quanto as cerimônias dos casamentos foram celebradas pelo padre Alexandre, que esteve neste 2018 em Piquete.

Afastei-me da Paróquia de São Miguel quando fui estudar fora de Piquete e, ato contínuo, iniciei minha vida profissional. O contato foi retomado quando passei a colaborar com a Fundação Christiano Rosa e evidenciei a importância da história da Igreja Católica e, especificamente, da Paróquia de São Miguel, para Piquete. Assim como cresceu meu amor por Piquete, cresceu meu interesse pela Paróquia e sua história, a qual, evidenciei, é parte integrante de minha trajetória e formação pessoal.

Neste momento em que se celebram os 130 anos de nossa Paróquia e que tenho tido a oportunidade de ser mais ativo na Paróquia de São Miguel e na Diocese de Lorena, é gratificante partilhar trechos de minha história com a comunidade católica piquetense.

Que seja uma grande festa a celebração dos 130 anos da Paróquia de São Miguel!

Que seja de unidade o tempo de preparação da festa!

Que sejam alegres as memórias!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O pulo do galo

Palmyro Masiero

Contaram-me que no final do século 19 houve um terremoto no sul de Minas, que fez tremer todo o Vale do Paraíba paulista e parte do litoral sul fluminense. Entretanto, creio que o efeito desse abalo sísmico chegou a Piquete com efeito retardado.

Pela década de quarenta aconteceu uma ventania aqui como jamais se havia presenciado. Foi tão forte que ninguém conseguia andar pela cidade. Não se enxergava absolutamente nada. Com todas as ruas de terra, já imaginaram o “fog” de poeira? Pena que não me lembre disso.

Cortando um pouco o assunto, de uma coisa me recordo; afirmavam que o saci ficava no meio do redemoinho. E eu cria. Duvidar pra quê?

Retornando. Um grande amigo, que está aí pra não me deixar mentir, moleque na época da tal ventania, viu um fato deveras espetacular. Diz ele que assistiu ao vento arrancar um dos galos da torre da matriz antiga, que saiu “voando” até o Santo Cruzeiro.

Não adianta todo mundo negar que tal fato haja acontecido. Se meu amigo disse, está dito! Amigo a gente não questiona.

- Voou?
- Voou.
- Então, tá voado!

Como existia um cruzeiro no adro da igreja, parlamentam que foi ali que o galo caiu. Crendices... Meu amigo falou no “Santo Cruzeiro”, lá no alto do morro em frente à matriz, longe pra burro. Absurdo? Pois sim! Por acaso temos pesquisas sobre o comportamento de galo na presença de um sopro assim? Mesmo que seja galo de lata? Então, como descrever?

Às vezes penso que foi um redemoinho. Com saci no meio. Quem sabe os fiéis não estavam negligenciando suas obrigações e São Miguel, para assustar, mandou esse danadinho de uma perna só arrancar o galo e levá-lo para outro morro? Faz sentido. Por que apenas um bateu asas? Por que o outro ficou lá assistindo tudo de camarote?

A não ser, é claro, que tenha sido um tornado. Aquele funil veio girando, girando, e sugou só um. O caso é que furacão, ciclone, vento virado, vento de cima, de baixo, em popa, seja lá que diabo for, fez o galo voar da velha matriz até o Santo Cruzeiro. Se meu amigo disse, queiram ou não, ele voou. Vou com ele. Não com o galo, com o amigo. Pra que discussão? Recolocaram-no de volta à torre; quem não acreditar na história que pergunte ao galo, ora bolas!

A devoção a São Miguel e Almas

Um traço marcante da espiritualidade de nós, piquetenses, que vem dos primórdios de nosso povoamento, é a devoção a São Miguel Arcanjo, árbitro das almas do purgatório.

A devoção a São Miguel foi muito difundida na América portuguesa, personificando a luta entre o Bem e o Mal. Chegou ao vale do Paraíba com os primeiros colonizadores e se difundiu. Essa devoção fez com que, no início dos setecentos, a 6 de maio de 1719, fosse instituída na Freguesia de Nossa Senhora da Piedade (Lorena) a Irmandade de São Miguel, cujo compromisso foi aprovado por D. Francisco de São Jeronymo, bispo diocesano do Rio de Janeiro. Em 1852, houve reforma desse compromisso. Por essa época, a devoção a São Miguel Arcanjo já havia chegado ao bairro lorenense do Piquete, cuja população, para cumprir os preceitos religiosos, se deslocava até a Vila de Lorena. Assim, os piquetenses passaram a pleitear junto às autoridades eclesiásticas autorização para construção de uma capela no bairro. Em 1864, por meio de uma petição conseguem de D. Sebastião Pinto do Rego, bispo de São Paulo, provisão que autorizava a construção de uma capela no bairro, sob a invocação de São Miguel, com a condição de que deveria se localizar em lugar alto e livre de umidade, e que tivesse espaço ao redor para procissões. O local escolhido foi uma colina às margens do Caminho de Minas, junto a um adensamento populacional. Os moradores passaram, a partir de então, a se reunir, discutindo a melhor maneira para execução das obras. Tomaram a frente dos trabalhos o Ten. Joaquim Vieira Teixeira Pinto e José Mariano Ribeiro da Silva, apoiados por moradores dos quarteirões: Posses, Ronco, Itabaquara Acima, Ribeirão Vermelho, Serra do Itajubá, Serra dos Marins, Passa Quatro, Leais, Gonçalves e Godoy.



Reprodução da Internet

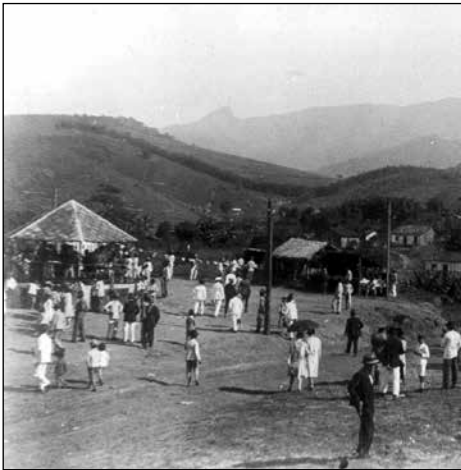
A força aglutinadora da Fé e a devoção a São Miguel impulsionavam a todos que sonhavam ver a capela de seu padroeiro construída. Escravos taipeiros passaram a pilar as grossas paredes de terra da capela. À medida que as paredes cresciam, aumentava a expectativa dos moradores para com o término das obras. Ao mesmo tempo, articulava-se a elevação do bairro à condição de Freguesia, o que veio a acontecer em 22 de março de 1875, quando a igreja se

encontrava quase pronta: simples e pobre, sem adornos, sem as torres laterais. Nesse mesmo ano, construiu-se o cemitério e as cerimônias fúnebres passaram a ser realizadas na Capela, que, mesmo sem padre colado, aglutinava a população para orações e reuniões comunitárias. Em 7 de outubro de 1888 criou-se a Paróquia de São Miguel do Piquete, sendo nomeado seu primeiro pároco o Pe. Francisco Fillipo.

A população aspirava à emancipação do bairro. Era preciso, então, uma matriz. O Comendador Custódio Vieira da Silva, proprietário da Fazenda da Estrela, construiu, nas proximidades da igreja, uma olaria para a construção das torres laterais. Em 15 de junho de 1891 ocorreu a emancipação político-administrativa do bairro e na Matriz foram realizadas cerimônias solenes. No Natal desse mesmo ano concluíram-se as torres.

A antiga Matriz de São Miguel é para os piquetenses o seu maior símbolo. Todos os eventos significativos do município ocorrem nela, ou nas suas adjacências. Ela faz-se presente no acervo iconográfico da Fundação Christiano Rosa. Nela nossas tradições religiosas foram intensamente fotografadas: procissões, casamentos, batizados, primeiras comunhões e situações de convivência propiciadas pela Igreja. Em cada fotografia, resgatam-se as micro histórias pertinentes a ela e a muito de nossa memória.

A Capela de São Miguel e Almas, nossa antiga matriz, foi, no passado, e continua, no presente, nossa maior referência histórico-religiosa. Por sua importância, foi tombada pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, em 2002.



Fotos Arquivo Pro-Memória

Mestra e missionária

Cabelos bem esticados, rematados em coque, vestido de tricoline, mangas compridas, meias de algodão. Adereços – apenas um modesto relógio de pulso, o anel de professora primária e uma corrente ao pescoço, com a efígie de Nossa Senhora, a quem se consagrara. Assim ela se apresentava no dia a dia, na escola e na igreja, para onde sempre direcionou a vida.

Jovem ainda, por sugestão de uma professora que lhe percebera a inteligência privilegiada, cursou a Escola Normal do Instituto de Educação “Conselheiro Rodrigues Alves”, em Guaratinguetá, para onde se mudara, apesar dos poucos recursos financeiros. Confiou-me, certa vez, que, não tendo condições para comprar os livros adotados, valia-se de folhas de papel pardo usadas para embrulhar pães: recortava-as e com elas fazia cadernos na máquina de costura, em que copiava, nos fins de semana, os textos gentilmente emprestados por uma das colegas. Sua mãe, para equilibrar o orçamento familiar, recorria à culinária e esmerava-se em doces e quitutes para atender a uma vasta freguesia.

Em 1927, nomeada professora efetiva do antigo Grupo Escolar de Piquete, aqui chegou com 22 anos de idade, após algumas experiências em escolas rurais. Piquete era como uma aldeia, as famílias formando uma grande família. O trenzinho dos operários nosso único meio de transporte. Desfile de burros e mulas pelas ruas poeirentas, com lenha, sacos de carvão e jacás de frutas e frangos. Boiadas vindas das Gerais atravessavam a cidade, de ponta a ponta, deixando no ar um cheiro adocicado de capim. O Hotel das Palmeiras, com o requinte dos cristais e porcelanas, polarizava a atenção dos visitantes exigentes. Os velhos casarões ainda persistiam de pé e, nas calçadas, ao cair da noite, as famílias, acomodadas em cadeiras de palhinha, tagarelavam sobre o cotidiano. No coreto da pracinha, em frente à Matriz de S. Miguel, as retretas musicalizavam as festas e a vida de cada um.

A professora recém-chegada deve ter se encantado com a nova terra – sua simplicidade provinciana, o verdolengo das encostas, o azulado sinuoso da Mantiqueira, a transparência das manhãs, as noites povoadas de galos e, acima de tudo, a bondade do povo a amaciar as asperezas da vida. Logo se fez amada e respeitada. Aqui ficou e ajudou a escrever a nossa história. Desempenhou, entre nós, o trabalho de mestra e missionária.

Seu aluno, testemunhei-lhe a estatura moral, o equilíbrio, o bom senso, os gestos comedidos, a voz baixa, às vezes quase sussurrada, nada de grandes expansões.

À tarde, no silêncio de sua casa, reunia “os alunos de raciocínio mais lento”, como eufemisticamente dizia, para aulas gratuitas de reforço – semeava a palavra e investia no futuro de cada um.

Catecismo paroquial – 15/11/1937



Ficou-me esculpida na memória a imagem de uma mulher de físico frágil, acometida de bronquite asmática, a subir morosamente a ladeira da Rua Cel. José Mariano, a bolsa recheada de cadernos, em direção ao Grupo Escolar “Antônio João”. Animada, porém, de fortaleza interior, capaz de grandes decisões.

A serviço do Cristianismo, soube conjugar contemplação com ação.

Foi um dos esteios da vida religiosa de Piquete. Uma religião isenta de sentimentalismo. Falava do sagrado com unção e alegria, como quem saboreia uma guloseima ou uma fruta apetitosa. Nas aulas de catecismo, ao discorrer sobre as passagens bíblicas, fazia-o com tal emoção, que nós, crianças, visualizávamos as “Bodas de Caná”, a “A Multiplicação dos pães”, a “Pesca milagrosa”... e nossas vidas, bafejadas pelo Evangelho, ficavam mais leves, como que transcendentalizadas.

Ao se referir à Mãe de Cristo, e com muito carinho, reconstituía a casinha de Nazaré e a pobreza de Maria afeita aos trabalhos domésticos, e nós a imaginávamos tecendo, varrendo, lavando, transportando água e cozinhando, sem idealizações românticas, quase palpável, bem próxima de nossas mãos mergulhadas no anonimato e na rotina do lar.

Durante toda a vida foi consultora da comunidade piquetense: orientava, dirimia dúvidas e apontava direções. Sabia compreender e desculpar. Alegrava-se com as nossas pequeninas vitórias e nos estimulava a fazer do tempo uma espécie de construção.

Sem se abater diante das dificuldades e sem se deixar transviar no pessimismo, soube dignificar o trabalho da mulher, revelando que esta é capaz de transpor os limites de uma vida acanhada e sem perspectivas.

A saúde precária obrigou-a, infelizmente, a nos deixar. O clima úmido e a topografia acidentada de Piquete impeliram-na a buscar Lorena, sua terra natal, onde morreu no dia 26 de maio de 1955, após muito sofrimento, assistida por três sacerdotes. Interessante que ela sempre nos dizia que uma das grandes graças concedidas a um católico é poder contar com um padre à cabeceira, à hora extrema da vida.

O filósofo Teilhard de Chardin classifica os seres humanos em três categorias: os desanimados, os boas-vidas e os entusiastas. Para ele, os entusiastas são ardentes porque se queimam como chama, nunca se desanimam, lançam-se na vida e acreditam na dimensão do próprio voo. São nobres, têm Deus dentro de si.

Leonor Guimarães, mestra e missionária, foi uma entusiasta porque acreditava na utopia e na ação silenciosa de Deus nos corações dos homens.

Nós a perdemos no tempo, mas a ganhamos na espiritualidade. O importante é que ela nos ensinou a amar o bem e a crer na santidade.

Chico Máximo



Ao comemorarmos os 130 anos de fundação da Paróquia de São Miguel Arcanjo, nossos pensamentos voltam-se para a pequena capela onde nossos antepassados testemunharam sua fé, acreditaram no futuro do Bairro, Vila e Cidade de Piquete. Como eles, continuamos a rogar para que São Miguel nos inspire e nos fortaleça em nossa caminhada.

São Miguel de Piquete

O São Miguel que veio conosco desde a infância é o arcanjo da simplicidade, da sobriedade.

Aprendemos com o Apóstolo dos Gentios que o amor não convive com a soberba.

Surpreendentemente Lúcifer é um serafim, o que tem como atributo o amor. Se fosse um querubim, o que conhece, o que sabe, talvez entendêssemos com mais facilidade a sua revolta, já que convivemos com alguns sábios prepotentes.

Quando o franciscano Scott (Scotus, em latim; Scotto, em italiano) nos revela o motivo da dissensão – a recusa em servir a um homem, ainda que o Verbo de Deus, causa-nos surpresa a precariedade do amor de Lúcifer. O “non serviam” – não servirei – mostra a incoerência de um amor que não ama.

O nosso São Miguel tenta dissuadir os

amotinados dos vários coros comandados por Lúcifer, argumentando com a propriedade dos desígnios do Altíssimo.

É aí que surge a frase que está gravada no nosso cérebro e no nosso coração: Amigos, quem como Deus?

Frustrada a tentativa de reconsideração, o arcanjo os afasta da comunidade celestial.

O nosso padroeiro se encontra novamente com o serafim-que-não-ama no monte Nebo, Jud:1,9, tentando apoderar-se do corpo de Moisés, julgando, talvez, que o grande líder se tivesse revoltado contra Deus por não tê-lo deixado entrar em Canaã. Miguel tira qualquer dúvida arrebatando o corpo. Mas não lhe dirige palavras duras. Apenas diz: “Que o próprio Senhor se encarregue de ti”.

No cerco de Jericó, Miguel apresentou-se a Josué como um homem com espada

desembainhada. Josué pergunta: “És um dos nossos ou dos nossos inimigos?” (Jos. 5,13)

Josué e Caleb foram os únicos que tinham assistido a todos os prodígios da grande jornada. Josué poderia entender uma intervenção miraculosa de Miguel. Mesmo assim, o nosso padroeiro se apresentou com sobriedade e simplicidade, pedindo a Josué que tomasse a atitude conveniente para receber as ordens do Senhor.

Miguel disse a Josué: “Venho como chefe do exército do Senhor”.

Presença benfazeja em nossas vidas desde o batismo, que o São Miguel de Piquete nos ajude a combater todos os nossos defeitos, principalmente a falta de amor.

Que vele sobre a nossa cidade, criando um ambiente de harmonia e trabalho diuturno para o bem comum.

Abigayl Lea da Silva

O relógio da Matriz

Dóli de Castro Ferreira

*Os ruídos urbanos
Abalam seu som.
É preciso querer ouvi-lo
Compassado, somando alegrias
E agonias.
O relógio da Matriz
Registra em cada meia hora
O sinal consagrado
Da memória.*

*O ecoar cristalino
Nas dobras das curvas
Dos morros
É o sinal esperado
Da vida contada.
Registra os que se foram,
Os que estão e são,
E os que vêm
E virão
Sempre,
Para lembrar
um tempo
Que não acaba.*

O velho galo de ferro

Da minha casa só se enxergava um pedaço da torre da igreja e nela... o galo. Lá estava, garboso, como se fosse o único a contemplar a paisagem. Inerte como um guardião da rainha. Só o vento o fazia rodopiar na haste em que estava fixado. De ferro forjado para durar séculos, seu penacho era perfeito; talvez nenhum outro artista, senão o que o criara, conseguiria uma linha curva tão perfeita. Porém, não estava só. Na outra torre, da mesma velha matriz, tão férreo quanto ele, outro galo rodopiava ao vento. Para mim estavam no topo do mundo. Contemplavam a saída e a chegada da maria-fumaça, que lançava até eles o cheiro do carvão queimado. Vigiavam o Santo Cruzeiro, testemunhavam o último abraço dos jovens enamorados que optavam pelo enlace eterno. Inspirações shakespearianas as juras do amor imortal.

Lembranças... Nada mais resta... Os galos de ferro até cantaram em alerta, mas o canto, com certeza, foi confundido com tantos outros que abundavam os quintais.

Ao meio-dia, quando um menino imbuído de sentimentos cristãos badalava caprichosamente os pesados sinos chamando o povo para se recolher em preces, o velho galo se movimentava em todas as direções, como a conferir se todos haviam ouvido. Então se espalhava pelas encostas a melodia

da Ave Maria. Uma voz pura ressoava: “O anjo do Senhor anunciou a Maria...”.

Com o tempo, o menino se fez homem, o sino não mais badala ao meio-dia, tampouco às seis horas.

O Santo Padroeiro ganhou nova casa.

Há muito a velha matriz ganhou nova função: receber em sua nave, para o adeus final, os cristãos que partem para a eternidade.

Em ocasiões muito especiais, o sino volta a badalar, movido pelas mãos de outros meninos. O coro entoia melodias que penetram nossos corações, nos remetem à infância, para lembranças sagradas de nossas primeiras comunhões, com véus de filó cobrindo as cabeças e sob o olhar de felicidade de Dona Mariquinha. Seu Zequinha Meireles ia e vinha rapidamente no preparo das galhetas. Após a missa, o chocolate quente preparado pelas senhoras beatas. “Para quem em pecado se encontrasse a hóstia cairia na hora da comunhão, em sinal de reprovação”.

Sagrados sentimentos, sagradas estórias que habitam em nós.

De tudo que passou restam a Igreja de São Miguel e Almas e o velho galo de ferro a testemunhar nossas vidas...

Ana Maria de Gouvêa



Paróquia de São Miguel: Imagens-Memórias

